

NOVA CRÔNICA – 5

Tem nestes últimos dias aparecido, nos jornais de maior circulação, muitos artiguinhos de diversos autores, que pedem ao público o especial favor de suspender o juízo até certo ou incerto dia; dando cada qual, como pretexto do pedido, o fato de ter sido caluniado pelo Sr. Fulano ou pelo Sr. Beltrano. Os *apedidistas* (não se diz noticiarista, de Noticiário; localista, de Locais; folhetinista, de Folhetim? Pois eu faço *apedidista*, de “a-pedido”.) os apedidistas não tinham grande urgência de requerer o que todos nós vamos fazendo, graças ao carnaval: todos *suspendem o juízo*.

*
* *

Todos, menos o ilustre poeta Barreto Bastos. Se tal milagre se operasse, passava-me com toda a mobília para o arraial dos crendeiros das cruzes do Andaraí, que são pouco mais ou menos como as de Barcelos; e mandava ao calvíssimo S. Pedro o pente de Alphonse Karr.

*
* *

Le mal de la peur, é o título de uma pequena comédia francesa, que eu vi quando rapaz. O medo é uma doença curiosa; ataca as pernas, as costas e os olhos. As pernas ou tremem, ou correm. Lá diz o rifão: quem tem costas tem medo. Os olhos vêm fantasmas de todas as cores; exceto agora, no Rio de Janeiro, onde os fantasmas são de uma só cor. Isto é o naturalíssimo resultado da situação política: o governo, que é vermelho, tem forçosamente visões amarelas. Daí nasceu a epidemia reinante. Se amanhã subirem os liberais, começa o povo a adoecer de câimbras de sangue, porque a visão ministerial será rubra.

*
* *

E destarte se prova cabalmente a ligação íntima, o laço misterioso que prende os governados aos governantes. É *le mal de la peur*: o medo do ditado: “atrás virá...”

*
* *

A visão da atualidade é portanto da cor das libras esterlinas. Notem que digo *a visão da cor*; não nos atrevemos já, míseros! a ter a *visão do ouro*.

Hoje em dia não há indigestão, cólica, enxaqueca, ou hemorroida que não seja amarela.

*
* *

O Sr. Brás Hill sentiu-se um destes dias algo incomodado. Tem este cavalheiro muitos pais, mas todos em viagem, *terra marique*, e não tem mãe; em compensação tem um padraсто, chamado Minos Tério; bom padraсто que pôs à cabeceira do enfermo um exército de médicos. Estabeleceu-se o diálogo. Os doutores falavam em coro, como no teatro antigo.

DOUTORES. – Que sente?

ENFERMO. – Uma indigestão.

DOUTORES. – Mau!

ENFERMO. – Comi um tubarão ensopado, com molho de tomates, e salada; bebi vinho, e tomei café.

DOUTORES. – É da cor, não há que ver.

ENFERMO. – De qual cor?

DOUTORES. – Amarela.

ENFERMO. – O quê? a salada? Era verde. O vinho era tinto, o café escuro, os tomates vermelhos, o peixe branco. A indigestão...

DOUTORES. – É amarela, não há dúvida.

ENFERMO. Mas, senhores! como é que já podem saber a cor da indigestão, antes de...

Aqui foi o diálogo interrompido pelo primeiro medicamento: óleo de Rícino. Quinze dias depois entrava o doente em convalescença; mas... recaiu.

Chegam os doutores.

– O que sente?

– Uma cólica.

– É amarela.

– Como assim? uma cólica ventosa! quem pode ver a cor do vento?

– Os ventos sopram amarelos para derrubarem os troncos vermelhos.

*
* *

Um vizinho meu sofre de hemorroidas há mais de quarenta e cinco anos; o ataque é mensal e dura ordinariamente vinte dias; folga dez. O remédio é conhecido, e

infalivelmente aplicado; agora porém, o homem usa dos óculos da época, e pareceu-lhe que o seu ataque era amarelo; mandou chamar o médico.

DOUTOR. – Então que é isso?

DOENTE. – Estou com a bicha.

DOUTOR. – A solitária?

DOENTE. – Não, senhor; a amarela.

DOUTOR. – E o que sente? Dor de cabeça?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Dores nas pernas?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Dores no ventre?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – Tem sede?

DOENTE. – Não, senhor.

DOUTOR. – O que sente, pois?

DOENTE. – Dor nas cadeiras.

DOUTOR. – Ah! então mande chamar o marceneiro.

*
* *

Em um hotel. Duas mesas contíguas. À primeira um médico, à segunda um *quidam*. Entra outro.

– Como vais, pergunta o recém-chegado.

– Mal, responde o *quidam*; fatigado de trabalhar, doente...

– Assim é; o tempo não está para quem trabalha; está para os médicos.

– E para os parvos, acrescenta o Esculápio, em tom de rude epigrama.

– Está entendido, Sr. doutor; eu detesto os pleonasmos.

SILENO.

SILENO [Machado de Assis]
[*Semana Ilustrada*, n. 480, p. 3838, 20 fev. 1870]
Editor: Ivo Korytowski